

ANAIS COLÓQUIO SARTRE: 110 ANOS



Colóquio Sartre: 110 anos
Sartre e a
Contemporaneidade

Sexta - Feira
26/06/2015

Auditório CFH
UFSC

Programação,
Inscrição
e submissão de trabalhos pelo site:
<http://psiclin.ufsc.br/>

*Prazo para submissão:
07 de junho de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

FSI

ANPEPP

GT Psicologia & Fenomenologia

nute|ufsc



Índice

Comissão Organizadora	pg 03
Comissão Científica	pg 03
Realização	pg 03
Apoios	pg 03
Apresentação	pg 04

RESUMOS

1. MESAS REDONDA	pg 05
1.1 - Sartre e os desafios à psicologia contemporânea	pg 06
1.2 - Ética e Liberdade em Sartre	pg 09
1.3 - Subjetividade e Produção de Sentido	pg 12
2. COMUNICAÇÕES ORAIS	pg 15



Comissão Organizadora:

Claudia Daiana Borges (PPGP-UFSC)
Daniela Ribeiro Schneider (PPGP-UFSC) – **Coordenação Geral**
Diego Rodstein (UFSC)
Diego Luis Warmling (UFSC)
Fabíola Langaro (PPGP-UFSC)
Karina Martins (PPGP-UFSC)
Milene Strelow (PPGP-UFSC)
Tatiana Rozenfeld (Psi-UFSC)
Virginia Lima dos Santos Levy (MPSM-UFSC)
Zuleica Pretto (UNISUL)

Comitê Científico:

Daniela Ribeiro Schneider (PPGP-UFSC)
Diego Rodstein (UFSC)
Fabíola Langaro (PPGP-UFSC)
Fernando Gastal de Castro (UFRJ)
Karina Martins (PPGP-UFSC)
Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
Milene Strelow (PPGP-UFSC)
Virginia Lima dos Santos Levy (MPSM-UFSC)
Zuleica Pretto (UNISUL)

Realização:

- PSICLIN – Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – UFSC

www.psiclin.ufsc.br

Apoio:

- GT ANPPEP – Psicologia e Fenomenologia
- Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP - UFSC
- Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF - UFSC
- Núcleo Multiprojeto de Tecnologia Educacional – NUTE - UFSC



APRESENTAÇÃO

O filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) marcou o campo das Ciências Humanas no Século XX com suas formulações críticas e vanguardistas, ao influenciar a área da psicologia, sociologia, literatura, além da própria filosofia, na qual torna-se uma referência obrigatória da contemporaneidade.

Em 2015, estaria completando 110 anos de vida. Para comemorar esta data o PSICLIN – Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – da Universidade Federal de Santa Catarina, organizou o Colóquio Sartre – 110 anos, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Núcleo Multiprojeto em Tecnologia Educacional (NUTE) dessa universidade e o GT de Psicologia e Fenomenologia da ANPPEP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia).

Seus objetivos foram construir espaço de reflexão compartilhado sobre as contribuições da obra de Jean-Paul Sartre para a compreensão dos dilemas da contemporaneidade e proporcionar o encontro de pesquisadores e profissionais em filosofia e psicologia que utilizam a teoria sartriana como embasamento de seus estudos e suas práticas.

Realizado no auditório do CFH/UFSC, no dia 26 de junho de 2015, teve em torno de 25 apresentações de trabalhos, entre mesas-redondas e comunicações orais e em média de 120 participantes em cada um de seus períodos.

Abaixo estão os Anais do evento, com os resumos das apresentações, a partir do que se pode verificar a riqueza da produção científica e filosófica realizada com base na psicologia e filosofia existencialista.

Boa leitura!

Profª Drª Daniela Ribeiro Schneider

Coordenadora Geral do Evento



RESUMOS

1. MESAS REDONDA

1. MESA REDONDA

1.1. SARTRE E OS DESAFIOS À PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

1.1.1

PROJETO DE SER E LIBERDADE: UMA CRÍTICA À PATOLOGIZAÇÃO DO LUTO A PARTIR DO PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE

Sarah Vieira Carneiro (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Brasil)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Brasil)

“A existência precede a essência”: muito tem sido produzido sobre a famosa máxima do existencialismo sartreano. A fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre está fundamentada no conceito de liberdade, no sentido de que não há essência, natureza, Deus ou destino capaz de determinar a existência humana. O homem está condenado a ser livre. Não se trata de uma liberdade ingênua e irrestrita, mas, antes, de uma liberdade que o torna responsável pela conduta que adota diante e pelo mundo inteiro. Para Sartre, não há algo como uma natureza humana que possa fundamentá-lo fora de seu próprio ser. O homem surge no mundo, se depara com a sua facticidade e, apenas depois, se define por meio de suas escolhas: ou seja, o homem nada mais é do que ele se faz ser, como afirmava o pensador existencialista. A falta de uma base biológica (ou qualquer que ela seja) para justificar a vida do homem é o cerne do conceito de liberdade, que vai, diretamente, de encontro a qualquer processo de patologização da conduta humana. Assim, a questão que nos propomos a discutir, neste evento em comemoração aos 110 anos de Jean-Paul Sartre, é: o que o pensamento sartreano pode acrescentar sobre nossa discussão acerca da experiência do luto? A posição existencialista faz frente direta à tendência atualíssima de patologização da existência humana, na medida em que rejeita, também, o determinismo biológico e a hegemonia do saber médico. O enlutado não tem liberdade para fazer reviver um ente querido, pois a morte do outro é uma situação que não pode ser modificada, mas o caminho percorrido por cada enlutado é, unicamente, seu, fruto de sua liberdade, sendo, portanto, de sua inteira responsabilidade. Apoiados nas ideias do eminente pensador existencialista francês, convidamos todos à reflexão sobre o significado da morte como contingência e do luto, não como doença, mas como uma resposta livre do homem, que revela, assim, seu projeto de ser.

Palavras-chave: projeto de ser, liberdade, patologização, luto, Jean-Paul Sartre

1.1.2.

**O CONCEITO DE “PROJETO” E SUA ESSENCIALIDADE PARA À
PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA**

Fernando Gastal de Castro (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Um dos grandes desafios que, ao nosso ver, do pensamento de Sartre coloca à psicologia contemporânea é relativo a contribuição do conceito de projeto. Invertendo a ordem compreensiva da psicanálise freudiana a partir das noções de temporalidade original e psíquica, bem como, rompendo com o subjetivismo e o sociologismo a partir da noção de universal-singular, o conceito de projeto mostra-se como uma das contribuições mais fundamentais e desafiadoras do pensamento de Sartre ao campo da psicologia contemporânea. Tal conceito funda uma nova possibilidade de compreensão e intervenção nos fenômenos humanos e sociais, à medida que, por um lado, aborda o sujeito como totalização em curso e não como um puro projetar-se vazio de determinação. Ele permite do mesmo modo compreender como tal processo de totalização é, ao mesmo tempo, interiorização da exterioridade social e exteriorização de uma possibilidade singular livremente realizada. Pretendemos assim, refletir sobre a essencialidade desse conceito para a viabilização de uma contribuição sartriana à psicologia, sustentando seu caráter sintético, à medida que, engloba as demais noções da obra do filósofo e, ao mesmo tempo, mostra-se como viabilizador da passagem do plano teórico ao prático ou, se se quiser, do plano filosófico às possibilidades de aplicação aos fenômenos psicológicos. Compreender o *projeto de um sujeito* mostra-se assim, ao nosso ver, o eixo central à que deveria se ocupar todo esforço de uma psicologia que busca na filosofia de Sartre respostas para seus problemas e desafios.

Palavras-chave: Sartre, Projeto, Psicologia

1.1.3. REFLEXÕES SARTRIANAS SOBRE CONTEMPORANEIDADE E DEPENDÊNCIA DE DROGAS

Daniela Ribeiro Schneider (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina).

Os problemas relacionados ao uso de drogas são reflexos do modo de ser do homem na contemporaneidade, já que o padrão de uso de substância psicoativas mudou consideravelmente nas últimas décadas, passando a refletir transformações advindas das novas exigências do modo de produção ocidental. Valores derivados da Sociedade de Consumo, tais como a descartabilidade, a instantaneidade, o efêmero, o prazer imediato, o consumo inveterado refletem o modo de ser dos sujeitos e suas relações com as coisas, com o tempo, com os outros. As drogas, que possibilitam através de sua química o mergulho na vivência saturada do instante, aprisionando o seu usuário no aqui e agora, servem como uma luva às exigências dos tempos contemporâneos. A compreensão existencialista fornece uma perspectiva dialética de compreensão dos problemas relacionados ao uso de drogas, ao apreender tantos os aspectos singulares, da dinâmica psicológica de cada usuário, quanto os aspectos culturais, econômicos, sociais por trás dessa problemática. Fornece elementos para não reduzir a visão do usuário ao seu aspecto patológico, compreendendo-o no conjunto de seu processo de totalização de ser. O paradoxo da dependência de drogas envolve o fato do usuário lançar-se no uso compulsivo da droga para tentar lidar com suas dificuldades psicossociais e, de alguma forma, ter uma bengala que lhe ajude a viabilizar seu projeto de ser, mas o faz por vias que o submetem a uma passividade existencial, pois ao usar substâncias cujos efeitos o lançam na espontaneidade, acaba por perder sua posição de sujeito, perder o “mando” de seu projeto, alienando-se nas circunstâncias do uso. Para suportar o vazio de ser precisará de mais uma dose e, com isso, instaura-se o *ciclo vicioso*. A Clínica da Atenção Psicossocial deve compreender a função da droga na vida do usuário, detalhando o projeto de ser que, geralmente, está ao fundo do abuso. Para tanto, faz-se necessário esclarecer o modo como se produzem as escolhas do sujeito dentro do seu campo de possíveis e as afetações psicofísicas decorrentes, vividas como reação às exigências e contradições advindas de situações sociológicas e sociais reais, que estão na base de sua fissura e na função de automedicação que o psicoativo lhe proporciona, levando-o a intuir-se como que guiado pela droga, única solução que lhe aparece para superar sua tensão-de-ser. Com isso, faz-se necessário, num movimento inverso, ir retomando o círculo de relações pessoais significativas que ajudaram a constituir o projeto original rompido e estão presente nas situações que armam a atmosfera psicossocial que o tensiona, para que possa resignificar suas mediações e redimensionar a forma como compreende a si mesmo nesse jogo de interações humanas, ganhando condições de superar a dinâmica de dependência.

Palavras-chave: uso de drogas, contemporaneidade, projeto de ser, psicologia existencialista

MESA REDONDA

1.2. ÉTICA E LIBERDADE EM SARTRE

1.2.1

TEMPORALIDADE E LIBERDADE

Diego Rodstein (UFSC)

A consciência comparada a liberdade e a temporalidade aparecem na teoria sartreana interligadas por um laço forte: o Nada que essas estruturas apresentam em si. Durante o presente texto tentaremos demonstrar que tais estruturas se igualam através dessa negatividade. Para tal intento será usado como base para a discussão a obra magna sartreana *O Ser e o Nada*, dialogando com o *Existencialismo é um Humanismo* e a *Crítica da Razão Dialética*. A consciência pergunta por seu ser e nessa pergunta funda o nada de seu ser. A falta de definição de si dá a consciência a liberdade de escolher-se. Essa escolha apresenta-se frente a gama de possibilidades que surgem na relação consciência-mundo e se fazem através de um fluxo temporal. Sartre atualiza a noção de tempo para uma estrutura da síntese original da consciência, chamando-o de temporalidade. Esse fluxo se faz por um passado da consciência como tendo-sido e um futuro que ela tem-de-ser, tornando seu momento presente a nadificação dessas ek-stases temporais e a distância como o modo de ser da consciência perante tais ek-stases. Visto que toda escolha é dada como uma escolha de si e de toda humanidade, a síntese entre um passado tendo-sido, um presente nadificado e um futuro que tem-de-ser, apresenta-se como base para dizer de uma ação de valor moral em Sartre, como o passado sendo um legado, um fado factível da consciência e o futuro o que ela deseja para si e para todos, unificando-se em momento presente através de sua liberdade. Por fim veremos que a realidade humana se caracteriza por uma ação na busca de si frente ao mundo. Essa busca não se fecha em um egoísmo da consciência em direção a si mesma, mas pelo contrário, amplia-se como responsável por toda a humanidade que a circunda, tornando seu projeto ontológico não só algo para-si mas também para outro.

Palavras-chave: Nada, Temporalidade, Liberdade, Consciência

1.2.2

LINGUAGEM E ÉTICA EM SARTRE

Lucila Lang Patriani de Carvalho (USP)

Neste trabalho objetivamos melhor delimitar o tema da Linguagem em Jean-Paul Sartre a partir de um viés proporcionado pela Ética. Para tanto, nossa exposição contemplará um percurso que se inicia a partir da obra *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (datada de 1943) e do período a ela correspondente, de modo que seja possível apontar os pressupostos em que Sartre se apoiará para que seja possível o estudo da Linguagem, além da sua concepção de Sujeito. Em um segundo momento passaremos ao ensaio *O que é a literatura?* (datado de 1947) e em especial à entrevista *L'écrivain et sa langue* (datada de 1965) que possibilitam a Sartre explorar de modo mais preciso a questão da linguagem e as dimensões que esta possui. A partir destes três textos, aqui estudados de modo prioritário, poderemos estabelecer um breve panorama da Linguagem em Sartre, para que seja possível relacioná-lo à Ética. A partir da centralidade da Linguagem em nossa exposição é possível relacionar o tema a diversos outros, tais como: a literatura e o seu engajamento, a construção da subjetividade, a liberdade no contexto desta interação, entre outros possíveis. Dentre estes temas o que especialmente nos interessa para o enfoque proposto neste trabalho é o da Intersubjetividade, a relação que é estabelecida, para o filósofo, entre os Sujeitos livres e conscientes. Através da análise da Linguagem a partir da Intersubjetividade a interação entre os temas que desejamos estabelecer receberá um viés Ético – da Linguagem enquanto interação. Sendo este último o aspecto da linguagem que nosso trabalho intenta destacar é a partir da comunicação intersubjetiva que Ética e Linguagem se intersectam. Para além desta exposição, o percurso aqui proposto permite que, ao destacarmos a relevância deste tema em Sartre, se relacione o seu trabalho a outros contemporâneos – a exemplo de Emmanuel Lévinas, Roland Barthes e Maurice Blanchot, entre outros – de modo que seja possível inserir o filósofo aqui em estudo em um cenário filosófico – e também literário - mais amplo partir da temática da Linguagem.

Palavras-chave: Linguagem; Intersubjetividade; Ética.

1.2.3

A ÉTICA DE SARTRE

Fabio Caprio Leite de Castro (PUC-RS)

A questão ética atravessa a obra de Sartre, sem que ele tenha terminado e publicado em vida o seu ensaio sobre a moral. Os *Cadernos para uma Moral*, inacabados, conheceram uma edição póstuma (1983). A *Conferência de Cornell* (Moral e História) foi publicada há dez anos (2005) sem, todavia, ter recebido muitos comentários. A *Conferência de Roma* resta inédita. É possível falar de uma ética em Sartre? Essa questão coloca ao menos dois problemas maiores. Trata-se ao mesmo tempo de saber se há uma unidade no pensamento ético de Sartre e de compreender o sentido dessa ética. É a partir da compreensão dos métodos sartrianos – fenomenologia, psicanálise existencial e método progressivo-regressivo – que nós tentaremos responder a esse problema. A unidade sintética do método progressivo-regressivo nos assegura a unidade do projeto ético sartriano e a unidade do sentido da ética existencial. Em outras palavras, a unidade metodológica permite afirmar a unidade da ética em Sartre, segundo a síntese efetuada a partir do método progressivo-regressivo. As conferências dos anos 1960 e o *Idiota da Família* têm um papel essencial em nossa argumentação, pelo fato de que encontramos neles a chave de uma resposta às famosas notas do *Saint Genet* e da *Crítica da Razão dialética* sobre a moral. Descobriremos uma relação dialética entre a vida imaginária a má-fé e a alienação, na elaboração do conceito de normativo. Segundo nossa interpretação, é possível, com efeito, dar uma resposta definitiva ao problema da ética sartriana a partir da noção de normativo puro, compreendida (1) no nível imaginário, (2) na relação a si e (3) na relação à possibilidade incondicional. A partir dessas três dimensões do normativo puro, retornaremos em conclusão à questão que orienta nossa metodologia: qual é o sentido da ética de Sartre?

Palavras-chave: filosofia existencial; ética; normativo puro

1. MESA REDONDA

1.3. SUBJETIVIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO

O MUNDO COMO FENÔMENO NA ONTOLOGIA DE SARTRE

Helen Aline dos Santos Manhães (UFSC)

A pretensão deste trabalho consiste em elucidar a seguinte sentença: “o mundo é humano” (SN¹, p. 285). Tendo por base pressupostos ontológicos, Sartre almeja descrever como se constitui a existência em geral, tendo como ponto de partida originário a relação da realidade humana com o existente circundante. Não se quer colocar o homem como medida da *realidade* do que *é*, mas, antes, descrever o *mundo* enquanto fenômeno, essencialmente a partir de dois aspectos: 1) fundamentando sua objetividade na realidade do ser, sendo esta anterior e mesmo independente da consciência; 2) mostrar que é a estrutura ek-stática da consciência, projetando seus possíveis e fins a partir dos quais, retroativamente, organiza os objetos como meios, que fornece os contornos do que se chama “mundo”. Esta concepção do real pretende superar os problemas enfrentados tanto pelo idealismo quanto pelo realismo, localizando, agora, a existência (e seu sentido originário) no lugar de encontro da consciência com o ser, na imprescindível relação e não mais na primazia de um dos termos. É preciso, então, elucidar alguns elementos: o ser em-si como ser do fenômeno, a estrutura da consciência enquanto se faz existir negando este ser determinado e, por fim, a perseguição que a consciência é de um irrealizável, um ser ideal em-si-para-si (valor). No meio desta aventura do para-si em busca de si mesmo, o mundo desponta.

Palavras-chave: Consciência. Fenômeno. Mundo. Sentido.

¹ SN: abreviatura para O ser e o nada.

1.3.2

FAZER-SE CRIANÇA NO CONTEXTO DE URBANIZAÇÃO NA ILHA DE SANTA CATARINA: UMA LEITURA BASEADA NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

Zuleica Pretto (UNISUL)

A teoria de Jean-Paul Sartre sobre a constituição do sujeito, em especial a partir de conceitos como projeto, situação e mediação, propicia um importante debate sobre as infâncias na direção do questionamento à naturalização de concepções e de práticas destinadas a esse grupo geracional. A partir da concepção sartriana, podemos pensar a infância como um acontecimento histórico, produto de uma complexa dialética do tecido social, diferenciada conforme tal tecido, o que leva à impossibilidade de falar de uma só infância, não da criança, mas de crianças. Podemos também conceber que as crianças forjam o seu ser a partir de um confronto de projetos postos pelo seu contexto familiar e sua rede de relações (em que entram em jogo diferentes interesses institucionais, políticos, ideológicos e afetivos, etc.) constituindo-se como agentes (já que escolhem e a escolha é sempre singular), rompendo com o determinismo e a noção de pura passividade. E, por fim, nos permite reconhecer que as crianças possuem um saber legítimo e produtivo, o que torna importante ouvi-las e dar visibilidade a seus pontos de vista. Tais considerações teóricas foram ponto de partida para uma pesquisa etnográfica realizada com crianças no contexto de um bairro localizado na Ilha de Santa Catarina, onde me propus a compreender as infâncias das crianças e as relações que elas estabeleciam com o seu bairro, que se encontrava em acelerado processo de urbanização. Nessa pesquisa, o fato de privilegiar o olhar e a voz das crianças possibilitou compreender não apenas suas infâncias e os processos de subjetivação/objetivação que as constituem, mas, também, o próprio contexto histórico que com elas compartilhamos (evidenciando a validade do método progressivo-regressivo proposto por Sartre). Entre outros aspectos, as crianças alteram as vidas umas das outras e dos adultos, constituindo-se como parte efetiva do funcionamento socioeconômico, político, religioso, ideológico, psicológico e afetivo da sociedade, ou seja, “girando a roda da história”. Disso decorre considerar que é preciso criar oportunidades para que as crianças não apenas revelem o que sabem, mas também exercitem o direito a dizer o que sabem. Tal exercício pode ser favorecido através da aproximação com as culturas de pares, por posturas mais igualitárias entre as gerações e, conseqüentemente, por “mediações qualificadas” dos/as adultos/as, isto é, que estes de fato levem em conta o saber das crianças e estabeleçam diálogos significativos com elas, rompendo com visões adultocêntricas.

Palavras-chave: Infâncias; Crianças; Urbanização; Existencialismo de Jean-Paul Sartre.

1.3.3

MOVIMENTOS DE SUBJETIVAÇÃO E OBJETIVAÇÃO NO CAMPO DAS SIGNIFICAÇÕES

Kátia Maheirie (NUPRA - UFSC)

O propósito desta fala é discorrer acerca das camadas de significação produzidas no contexto cultural, social e político, a partir da concepção sartriana de significados concretos e abstratos. A condição ontológica dos movimentos de subjetivação e objetivação em tais contextos específicos, aponta para a inteligibilidade da produção de sentidos, a qual perpassa e atravessa a objetividade situada, apontando para a condição necessariamente semiótica do fazer humano. Assim, enquanto a subjetividade se faz movimento nadificador da objetividade, esta, como resultado, se caracteriza repleta de sentidos, podendo se articular de maneira ambígua e contraditória, colocando-a permeada por três planos específicos de significação, a da objetividade significativa, da compartilhada por uma coletividade e a do plano da singularidade.

Palavras-chave: produção de sentido; processo de subjetivação; Jean-Paul Sartre

RESUMOS

2. COMUNICAÇÕES ORAIS

CONCEITO DE LIBERDADE NA FENOMENOLOGIA: SUAS IMPLICAÇÕES À SAÚDE

Gabriela Schimaneski de Carvalho

sc.gabriela@hotmail.com

Gabriella Hundertmarck Vieira

Jaqueline Borges Vieira

Michelle Tomassini Jacques

O ser humano é definido e determinado através de inúmeras concepções científicas. O pensamento fenomenológico vem para quebrar esse pré-determinismo imposto ao homem. O homem é escolha, portanto liberdade. Ele é o único responsável por aquilo que é e isso gera sentimentos de angústia, desespero e desamparo. Estes sentimentos são algumas questões que surgem, ao falar-se da liberdade, pois ela implica na responsabilidade do homem por aquilo que é. A inautenticidade da existência se dá pela incapacidade de conseguir uma verdadeira abertura e compreensão para com as coisas, mantendo-se com as opiniões dos outros, fazendo aquilo que é imposto. Já a autenticidade é a apropriação de si. Conhecer algumas possibilidades de existir e ser-no-mundo possibilita a escolha por uma vivência mais autêntica. Para o existencialismo o homem primeiramente existe, descobre-se a si, surge no mundo, e, só depois, define-se. Ele de início não é nada, não tem uma essência e não é predeterminado, vai se moldando no que fizer dele mesmo, sendo o único responsável por aquilo que é. Com isso, é responsável pelas suas escolhas. Essa responsabilidade da escolha permite compreender mais profundamente a angústia, desamparo e desespero. O pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita "existencial", de que o homem como condição de lançado no mundo, vê na existência uma encruzilhada de múltiplos caminhos. A escolha é um processo central e inevitável na existência individual e a liberdade de escolher envolve responsabilidade pela autoria do seu destino e compromisso com o seu projeto. Quando levamos à questão da liberdade à visão da saúde, percebe-se que os modelos vigentes neutralizam e enquadram o paciente. A postura fenomenológica e a compreensão existencial do ser permitem uma aproximação ao paciente, evitando a determinação e a medicalização da psicologia. A abordagem existencial valoriza a busca pela particularidade do ser, na singularidade e na incompletude do homem, e oferece a este a possibilidade de construir-se a cada momento por suas escolhas. O homem apresenta-se como uma escolha a ser feita. Ele antes de tudo é a existência do momento presente; não pode ser definido anteriormente a si mesmo, mas em função de seu projeto individual.

Palavras-chave: Liberdade, Escolha, Responsabilidade

**POSSIBILIDADES DA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA SARTRIANA:
DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL À QUESTÃO DE MÉTODO: A
VIABILIZAÇÃO DO PACIENTE EM SUJEITO DO SEU PROJETO E DESEJO-
DE-SER**

Sérgio Roberto Monteiro Dias

sergio@perfispsicologia.com.br

Introdução - A finalidade do processo psicoterapêutico existencialista é a recolocação e/ou viabilização do paciente como sujeito de seu projeto e desejo-de-ser. O sofrimento emocional resulta de impasses, conflitos, mal-entendidos e equívocos na vida de relações interpessoais, que levam à inviabilização do desejo-de-ser. A intervenção psicoterapêutica, partindo do sofrimento emocional, deve possibilitar ao paciente a “compreensão psicofísica” de sua situação de complicação: a) localizando-o nas situações ou episódios sócio-antropológicos em que ocorrem seus padecimentos emocionais; b) localizando-o no saber-de-ser em que encontra-se aprisionado; c) conduzindo-o à apropriação de seu campo de possibilidades de ser de modo a situar-se em uma nova estrutura de escolha. Objetivo – O objetivo desse trabalho é demonstrar, amarrando à intervenção psicoterapêutica em um caso concreto, o alcance da aplicação prática da noção de homem como ser-em-situação e do método fenomenológico dialético, como instrumentos essenciais para a prática psicoterapêutica de modo a levar a termo o propósito fundamental da psicologia clínica existencialista sartriana. Método – Através da descrição fenomenológica de acessos emocionais e episódios sócio-antropológicos no plano da relação noemático-noética (percepção), podemos reconduzir o paciente psicofisicamente para dentro das situações de padecimento emocional localizando-o do impasse para o projeto e desejo-de-ser e do impasse de pertencimento ao seu sociológico atual, por estar preso no sociológico de gênese e no impasse com Deus. A intervenção foi realizada ao amparo do método da Psicanálise Existencial e Questão de Método, bem como da Teoria Sartriana do Eu e das Emoções. Resultados: O paciente foi reconduzido em “carne e ossos” para dentro as atmosferas e clima antropológico no qual constituiu sua personalidade e sua complicação: seu impasse para ser pai, marido, ser filho de Deus. Desse modo foi feita a compreensão de sua complicação o que possibilitou ao paciente vencer os acessos emocionais psicopatológicos de tensão/ansiedade com desdobramento para pânico e exaustão psicofísica/impotência-de-ser. A reconciliação com Deus possibilitou experimentar-se integrante do mundo e da criação, e com novas certezas de ser: ser filho de Deus e agir no mundo, podendo ser profissional, pai, marido, proprietário de bens. Considerações - O método fenomenológico dialético aplicado através da conversação psicoterapêutica possibilita ao psicoterapeuta atuar com objetivos, estratégias e planejamento de modo a estabelecer uma relação de alteridade e reciprocidade com o paciente, criando as condições para que o mesmo objetive sua situação psicológica do ponto de vista de um terceiro e, adotando uma atitude de consciência de 2º. Grau, saia da consciência



irrefletida. A relação psicoterapêutica possibilita a localização e a mudança do cogito (saber-de-ser) do paciente, alterando sua intuição de ser e alcançando a condição ontológica de escolher-se como sujeito do seu ser. Desse modo é restaurada a sua condição antropológica de ser corpo/consciência lançando-se para o seu futuro ou campo de possibilidades tendo um Eu-no-horizonte futuro por realizar.

Palavras-chave: ser-no-mundo; projeto-de-ser; psicanálise existencial; compreensão; escolha

A ESCASSEZ COMO RELAÇÃO FUNDAMENTAL COM O OUTRO NA CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA EM SARTRE

Aline Ibaldo Gonçalves

aline_ibaldo@hotmail.com

Sartre em *O Ser e o Nada*, admite o conflito como essência das relações humanas. A relação com o outro se baseia na dominação, pois pelo olhar ou eu objetifico o outro ou sou objetificado por ele. Não há uma relação simétrica, pois tentamos nos tornar donos da liberdade do outro, querendo possuí-lo como consciência, ou tentamos assumir nossa liberdade alienando o outro e reduzindo-o a um objeto. Ambas as situações fracassam na medida em que a liberdade é inalienável. O esforço do sujeito para acabar com o conflito, seja assumindo papel de dominado ou dominador jamais chegará a uma solução. Nesta relação intersubjetiva, o outro aparece como um inimigo, uma ameaça que me coisifica e aliena minha liberdade. Já na obra *Crítica da Razão Dialética*, o outro aparece como um inimigo nas bases materiais e históricas. A escassez é o relacionamento fundamental, relacionando o homem tanto com a natureza ou com os objetos materiais. É o contexto histórico a qual está inserido o homem, uma escassez material que faz o outro aparecer como um inimigo fazendo com que tenhamos de competir. O homem existe para todos, como não-humano. O que ocorre é que não há o suficiente para todos, desse modo a história humana é sempre uma longa disputa por recursos limitados pois, a presença do outro é tida como ameaça e uma luta mortal tende a surgir entre as consciências. Pela escassez, surge a violência nas relações humanas, onde há reciprocidade negativa. Sartre apresenta a escassez como um fato contingente a ser superado, é uma relação unívoca da materialidade circundante aos indivíduos, uma vez que a aventura humana é uma luta obstinada contra a escassez. Esta seria o motor que geraria a história. É a motivação de superar a escassez que faz o homem agir para mudar.

Palavras-chave: Sartre, conflito, escassez, outro.

PROJETO DE SER DIANTE DO ADOECER E DA MORTE

Fabíola Langaro

flangaro@hotmail.com

Daniela Ribeiro Schneider

Segundo Sartre, no sentido ontológico, a liberdade é definidora do ser da realidade humana, visto que a ação humana está sempre direcionada ao futuro, para aquilo que o indivíduo ainda não é. Este mover-se no mundo se caracteriza pela busca do sujeito em realizar o seu ser; nele, cada escolha concreta designa uma escolha fundamental, ou seja, a realização do projeto de ser. O futuro, ao mesmo tempo em que aparece no horizonte para anunciar ao sujeito o que ele é a partir do que ainda será, também caracteriza o sujeito em sua possibilidade de não ser. Neste sentido, é por que o Para-Si é o ser que exige sempre um depois, que não há lugar algum para a morte. Na dimensão ontológica do ser humano, a morte é, portanto, um absurdo, por ser a negação da existência e de todos os projetos. Entretanto, por mais que a morte seja pensada enquanto algo exterior, em algum momento o sujeito se dará conta de que ninguém poderá morrer por ele. Nesta perspectiva, se houver uma situação que concretamente lance o sujeito a ela, como o adoecimento orgânico, ela será vivida enquanto uma possibilidade pessoal. A doença se instala como algo que pretere as escolhas do sujeito e que irrompe apesar de seus esforços. Ao mesmo tempo, ela o impele a fazer escolhas, impondo-lhe uma reorganização de seu projeto em todas as dimensões: orgânicas, sociais, amorosas, profissionais, familiares. Esta nova condição de ser no mundo poderá impor ao sujeito uma reformulação do significado que tiver dado à sua existência. Neste sentido, para lutar por sua permanência enquanto ser no mundo terá que se apropriar da condição imposta a partir da doença e reformular seu projeto a partir desta nova experiência de ser. Para tanto, os sentidos ou significados compartilhados social, cultural e historicamente lhe fornecerão a base para sua inteligibilidade e acabarão por se impor como o horizonte para se organizar psicologicamente. Escolherá, entre compreensões existentes em seu contexto e de acordo com as mediações sociológicas e suas possibilidades psicológicas, os sentidos tomados para o fim de sua vida. Compreender as relações psicológicas possíveis do sujeito com a morte torna-se, portanto, fundamental à psicologia, na medida em que busca oferecer possibilidades de o sujeito encontrar a viabilização de seu projeto a partir das diferentes condições e horizontes existenciais entendendo que as experiências de sofrimento o atingem em toda sua história e complexidade.

Palavras-chave: Morte, Psicologia Existencialista, Sartre, Sentido de ser.

SARTRE E DIREITO: APROXIMAÇÕES

Marja Mangili Laurindo

marjamangili@gmail.com

A filosofia sartreana resiste ainda como uma forma alternativa de pensar o mundo no século XXI. No contexto atual do neoliberalismo, em que o indivíduo é cada vez mais instrumentalizado em nome das relações mercadológicas, Sartre pode ser reivindicado para a defesa de uma nova moral tanto no âmbito do indivíduo quanto no da coletividade da qual faz parte política e juridicamente. É possível uma leitura teórico-filosófica do Direito, enquanto fenômeno estatal moderno, a partir das obras de Sartre? A obra *Crítica da Razão Dialética*, marcada pela guinada ao marxismo, pode dar os indícios de um possível diálogo com a teoria e filosofia do Direito do século XX, especialmente com relação aos autores marxistas. A tese de Silvio Luiz de Almeida traz essa perspectiva. A partir da leitura do jurista marxista Eugene Pachukanis seria possível perceber que tanto este autor quanto Sartre apontam para o Direito como um instrumento de dominação e de abstração do sujeito concreto. Através de uma análise marxista da categoria jurídica “sujeito de direito”, pela qual se cria a figura de um sujeito contratante indistinto, detentor de qualquer mercadoria a ser comercializada – inclusive a própria força de trabalho –, seria possível entrelaçar a filosofia sartreana à Filosofia do Direito. Ambos autores estariam em busca da defesa do homem ante a barbárie promovida pelo capital. Compartilhariam, assim, a ideia da concretização da liberdade por meio da superação do capitalismo e do Direito em sua forma atual. Segundo Sartre, em sua CRD, o contrato de trabalho, nas suas feições atuais, suprime a liberdade humana ao convertê-la em liberdade enquanto mera mercadoria. A necessidade de superar essa categoria e a forma jurídica a ela atrelada seria uma maneira de desvencilhar os homens da falsa liberdade promovida pelo mercado, restrita à liberdade contratual, que em realidade promove uma manutenção das condições de exploração em que se encontra o homem dentro do Estado de Direito moderno. Assim, com o objetivo de pensar os fenômenos jurídicos a partir de uma perspectiva crítica, procura-se fazer uma aproximação entre Direito e filosofia sartriana.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre; Eugenio Pachukanis; sujeito de direito; Filosofia do Direito; Teoria do Direito.

O AUTO-RELATO COMO INSTRUMENTO DE (AUTO) COMPREENSÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Virgínia Lima dos Santos Levy

virginal Levy@gmail.com

O presente trabalho é um recorte do projeto de dissertação “Narrativas de Usuários de Crack: O dizer sobre si e o mundo através do audiovisual”, em desenvolvimento no curso de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao propor o método progressivo-regressivo para a compreensão dos processos de constituição do sujeito, que consiste em realizar um fluxo de compreensão entre o contexto histórico e psicossocial - em que o sujeito se insere através da compreensão da biografia pessoal e a sua biografia pela reflexão de seu contexto, Sartre propõe que o sujeito seja constituído pela síntese dialética entre seus aspectos singulares e seus aspectos universais. No Existencialismo, pode-se dizer que a psiquê se forme de modo contínuo na existência concreta, em um processo constante de ação e “(re)elaboração” da ação, forjando seu projeto de ser. Deste modo, se as ações e sua apropriação ativa são os elementos constitutivos da “personalidade”, a história de vida tomada a partir da narrativa do sujeito pode ser um veículo para a sua compreensão do sentido de seus atos e seu projeto de ser. O estudo das narrativas é, assim, um importante instrumento de pesquisa fenomenológico. Para Paul Ricoeur o auto-relato é uma ação que pode ser compreendida como um espaço de mediação entre o tempo vivido (acontecimentos, situações, atitudes) e a significação da ação, e entre o que há de mais particular da biografia do sujeito e o contexto sócio-histórico (micro e macrossocial) que o cerca. A produção da narrativa biográfica se constitui, portanto, como oportunidade de atribuir sentido às ações passadas, tornando visíveis fatores universais (compartilhados) e singulares (idiossincráticos) com os quais o sujeito dialoga em seu sempre inacabado processo de totalização, “diálogo” que acontece tanto no momento da ação que relata, quanto no momento da ação de relatar, pois “escolhe” alguns valores e não outros durante a atribuição de sentidos.

Palavras-chave: “auto-relato”; “constituição do sujeito”; “singular-universal”; “narrativa”; “história de vida”; “existencialismo”.

MATERIALISMO E REVOLUÇÃO: APROXIMAÇÃO E CRÍTICA DO MARXISMO

Bruno Oliveira Martinelli

bruno.martinelli@usp.br

Nossa análise pretende expor a maneira pela qual Jean-Paul Sartre inseriu-se na discussão marxista após a Segunda Grande Guerra. Sua aparição no cenário do debate marxista deu-se através da publicação de “Materialismo e revolução”. O ensaio, escrito em 1946, é o exemplo mais explícito da permanência “estrutural” da conceituação sartreana no que se refere à liberdade individual. Essa conservação não o impediu, entretanto, de, num mesmo movimento, preocupar-se em avaliar em que medida havia, nas teses marxistas, o rigor intelectual que aparentavam ou pretendiam exhibir. Sempre sustentando sua teoria da liberdade individual, logrou participar dos debates político-filosóficos de sua época sem abandonar sua convicção filosófica inicial, qual seja, a subjetividade como ponto de partida para o desenvolvimento de uma ontologia original. Deparando-se com teorias intransigentes de marxistas contemporâneos a ele, Sartre atribui-se o intrincado papel de participar do debate marxista sem, contudo, abandonar a tese da liberdade irrestrita. A exposição buscará enfim verificar que o texto em questão opera um duplo e harmônico movimento: a aproximação do marxismo (nunca mais negligenciado por Sartre) e a conservação das teses filosóficas iniciais do francês.

Palavras-chave: Materialismo, marxismo, liberdade

A METAFÍSICA INGÊNUA DA IMAGEM E O PLANO CIBERNÉTICO: REFLEXÕES ACERCA DO VIRTUAL NA IMAGINAÇÃO SARTREANA

Jorge Ondere Neto

j.ondere@gmail.com

Em seu escrito *A Imaginação e o Imaginário*, Sartre descreve o processo fenomenológico da imaginação a partir da imagem como ato noético da consciência, ou seja, como ato intencional. A presença real de um objeto independe da consciência, visto que ele existe em si, a sua inércia permite que escape à consciência e que tenha autonomia e seja preservado, esse objeto é denominado coisa. Depois de olhar esse objeto coisa, o sujeito pode imaginá-lo sem necessitar de sua presença real, dessa forma, a coisa passa a existir em imagem, ou seja, no plano da imaginação. Esse fenômeno, denominado por Sartre de *Metafísica Ingênua da Imagem*, faz com que a consciência da imagem opere nas reações de movimentos e de sentimentos da alma resultando em ideias e, inclusive, em símbolos. Ou seja, o objeto imagem, do qual advém do objeto coisa, está em uma ausência que pode ser preenchida de sentido e de significado, assim, ocorre a possibilidade de criar, sem intermédios, o símbolo do objeto que se imagina mesmo este ausente no real. Portanto, há o objeto coisa e o objeto imagem. Todavia, na contemporaneidade, percebem-se objetos que não estão no plano do real e nem do imaginário porque pertencentes ao cibernético. A reflexão do presente trabalho é realizar uma compreensão acerca do objeto virtual como tendo uma participação fenomenológica na metafísica ingênua da imagem cujo plano pertence ao ciberespaço. A internet, por exemplo, permite que o sujeito possa ir ao encontro do objeto virtual em uma tentativa de representá-lo, nesse caso, o ciberespaço influencia no exercício de imaginação. Como destaca o filósofo, se há o desejo de ver uma pessoa que está ausente, ela pode estar presente na imagem por meio da motivação desejante do sujeito; na contemporaneidade, o sujeito acessa o objeto imagem por meio do objeto virtual. Outro exemplo são as impressoras 3D cujo processo fenomenológico da imagem permite transpor o objeto virtual à coisa realizando um desejo de maneira espontânea. Este fenômeno gera reflexões acerca de uma imaginação que ocorre por meio de uma consciência que está em relação aos dispositivos tecnológicos da contemporaneidade influenciando no poder de atuação da vida imaginária. O autor do presente trabalho irá apresentar outros exemplos e, também, duas imagens ilustrativas com objetivo de refletir sobre as contribuições de Sartre acerca do plano cibernético e do objeto virtual.

Palavras-chave: *Metafísica Ingênua da Imagem*; *Imaginação*; *Contemporaneidade*; *Ciberespaço*, *Virtual*.

JEAN-PAUL SARTRE E FRANTZ FANON: DIÁLOGOS ANTICOLONIALISTAS A PARTIR DA TEORIA EXISTENCIAL HUMANISTA

Angela Maria Medeiros de Oliveira

apsi.medeiros@gmail.com

O presente trabalho busca trazer as contribuições que teórico Jean-Paul Sartre estabeleceu com o médico, psicanalista e ativista político Frantz Fanon partindo da perspectiva existencial humanista. Durante suas pesquisas e construção da sua teoria Sartre conhece Fanon. A partir dessa relação Sartre se vê afrontado com a justificativa de dominação constituídas a partir do discurso de racialização de seres humanos, para a estruturação econômica capitalista. Sartre e Fanon dialogam sobre a realidade das colônias esboçando uma crítica aos novos modelos de dominação já questionando a concepção de civilização na qual a imposição da cultura ocidental deslegitima os conhecimentos e a constituição dos grupos que serão a partir desta perspectiva explorados, subjulgados e condenados a subserviência às metrópoles europeias. Sartre questiona a posição do europeu que a partir da violência e coersão legitimam seu poder e questiona a concepção de liberdade que escraviza e mata em nome deste ideal. Fanon, utiliza da teoria elencada por Sartre e constitui então uma literatura pautada no existencialismo humanista para problematizar a conjuntura em que se constata o descolamento de negros argelinos, congoleses, angolanos entre outros povos africanos e orientais de sua identidade cultural e a partir dessa abordagem se constitui como intelectual trazendo uma abordagem psicológica e terapêutica voltada para a desconstrução dessas “formas de ser” pautadas na dominação racial. Este processo de conhecimento e amizade, culminam nas obras clássicas de Fanon, entre elas o livro “Condenados da Terra” que traz como autor do prefácio Jean-Paul Sartre que narra de forma instigante e crítica a sua compreensão sobre a racialização e o seu lugar enquanto homem europeu que não cristaliza as formas de dominação do grupo que pertence, lançando aos mesmos um chamado a luta anticolonialista e antirracista.

Palavras-chave: anticolonialismo, racismo, existencialismo, Frantz Fanon, psicologia

TEORIA DA PERSONALIDADE NA PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA SARTRIANA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM PADECIMENTOS PSICOLÓGICOS

Marisa de S.Thiago Rosa

marisa@furb.br

Milene Strelow

O presente artigo discute a aplicação da teoria da personalidade na Psicologia Existencialista Sartriana, destacando a possibilidade de uma intervenção comprometida com a realidade humana. Pautada na visão de homem como subjetividade-objetivada em meio ao mundo, evidencia essas relações tendo por base a dialetização de dois absolutos de relatividade, ou seja, não há homem sem mundo, nem mundo sem homem. Ocorre que essas relações concretas com o mundo e com os outros, consideradas ao longo de uma história, ao serem descritas, fornecem os dados empíricos necessários para o psicólogo compreender a dialetização singular de qualquer ser humano, sempre considerado em seu tecido sociológico e contexto antropológico. É nessa dinâmica incessante de apropriação e desapropriação do sociológico que fazemos nossas escolhas e agimos, nos tornando quem somos. Contudo, é sempre dada a possibilidade de nos escolhermos diferente de quem somos. Todo ser humano se lança nesse projeto-de-ser puxado por um desejo-de-ser, sendo, portanto, um acontecimento regular em qualquer personalidade, mesmo numa constituição psicopatológica. Nesse caso, o processo de constituição do Eu é perpassado por grandes turbulências, gerando os estremecimentos psicológicos que, conforme a gravidade e frequência, podem prejudicar a capacidade do sujeito de lidar com as próprias angústias, resultando em sofrimento. Por tudo isso, pode-se afirmar que a obra Sartriana possibilitou o acesso ao objeto central da investigação e da prática psicológica: a personalidade. Para tanto, formulou uma teoria e um método compatíveis com a realidade humana, que a abarcasse em toda a sua contraditoriedade e dialeticidade.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre; existencialismo; personalidade; ciência; psicologia.

REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA SARTRIANA

Gabriela da Silva Rudolpho

gabyrudolpho@hotmail.com

O crescente aumento da população idosa evidencia a necessidade de estudos e produção de conhecimento a cerca do fenômeno do envelhecimento. Apresentar uma definição do que é a velhice pode aparentar tratar-se de uma tarefa simples se adotarmos uma visão unilateral. Se partirmos de um olhar reducionista considerando, por exemplo, a velhice como unicamente um fenômeno biológico, a definiremos como sendo o declínio das capacidades físicas e fisiológicas. Reduzimos a temática também se operarmos numa lógica universalizante, como um fenômeno geral e padrão, onde os diferentes aspectos relacionados a velhice se dão de modo paralelo, linear e igualitário. A teoria existencialista de Sartre a partir de sua concepção de constituição de sujeito fornece subsídios para rompermos estas lógicas que predominam em outras disciplinas e no campo social. Partindo dela, a temática da velhice torna-se complexa, pois sugere a transcendência da ideia de definição e conceituação, propondo uma compreensão do envelhecimento, entendendo o mesmo como o resultado e prolongamento de um processo, que perpassa aspectos culturais, sociais, fisiológicos, psicológicos, existenciais e outros, de forma integral. Não se trata de descrever cada aspecto de forma sequencial, analítica ou somatória, mas, verificar que cada aspecto reage e afeta todos os outros, sendo necessário a compreensão desta espécie de engrenagem circular para que se consiga apreender seu movimento. A noção de dialética, base da teoria sartriana, auxilia a entender a forma como cada pessoa vivencia e experimenta a velhice, pois compreende o sujeito como singular/universal, que vai se desenvolvendo num determinado contexto e realizando diferentes e particulares arranjos, transcendendo-os. A maneira como o sujeito experimenta e se apropria de sua relação com os outros, com as coisas, com o tempo e com o próprio corpo, diz respeito ao seu psicológico, que só pode ser compreendido a partir de sua situação existencial, ou seja, seu movimento de ser no mundo. Portanto, tratar da velhice enquanto sinônimo de regressão ou declínio, só faz sentido se verificarmos o objetivo visado por este sujeito, e quais as transformações que afastam ou que aproximam de seu projeto. Nesta ótica, a teoria existencialista sartriana e sua noção de projeto, negam a ideia de determinismo ou reducionismo, possibilitando uma compreensão da velhice na sua totalidade e como um produto permanente da relação dialética do sujeito com o mundo.

Palavras-chave: Envelhecimento, Teoria Sartriana, Dialética

ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO DA IMAGEM E DA VIDA NO INSTAGRAM A PARTIR DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE

Aline Camargo da Silva
aline@psicologosbr.com.br
Eliz Marine Wiggers

Independentemente de onde estejam as pessoas, desenvolvendo as mais distintas atividades, é notável o crescente uso com as mais diversas aplicações de dispositivos móveis. Este trabalho evidencia a utilização do aplicativo Instagram como meio em que o sujeito expõe a si e a sua vida com as mais diferentes finalidades. Compreende-se a importância deste trabalho com a percepção de que falar sobre o uso de um aplicativo presente na rotina de diversas pessoas, em diferentes situações, de distintas classes sociais é trazer à tona questões contemporâneas das relações humanas e sua fluidez. Visando compreender os fatores que influenciam os sujeitos à exposição de suas vidas e imagem pessoal nesta rede social, realizou-se uma análise deste fenômeno a partir do existencialismo sartreano. Concretizou-se a coleta de material para a análise a partir de questionários disponíveis em um site criado para esta finalidade e perfis públicos no Instagram. A análise foi efetivada de acordo com os seguintes tópicos: Escolha e liberdade; Consciência e responsabilidade; Projeto; Angústia e campo dos possíveis; Homem como totalidade; Razão dialética e História; Subjetividade e objetividade do ser em relação com a materialidade do mundo; Imagem e imaginação; Emoção; Mundo do imediato e contemporaneidade. Evidenciou-se que o existencialismo sartreano possibilita um olhar que coloca o homem como condenado a sua liberdade e responsável por suas escolhas, de modo que, quando ocorre a exposição de uma imagem a pessoa apresenta sua totalidade e constroi a si mesma. Ratificou-se de forma explícita meios de construção da subjetividade, sendo que através do uso de filtros o indivíduo pode expressar sua totalidade por meio de um objeto irreal que é subjetivado e significado e que culmina em ações por meio da liberdade do sujeito no mundo. Também foi possível a partir deste estudo perceber as transformações decorrentes da atual fluidez do mundo em que o privado ganha evidência e a isso pode ser atribuído o fato do fenomenal uso deste aplicativo.

Palavras-chave: Instagram, Exposição da Imagem, Existencialismo, Sartre.

PSICONEUROIMUNOLOGIA E PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Harrysson Luiz da Silva

harrysson@uol.com.br

Fernando Pretto

Desde os finais da década de 80 no Brasil, as disciplinas curriculares voltadas para produção de conhecimento, dentre elas, podemos citar: metodologia científica, métodos e técnicas de pesquisa, estatística básica, metodologia de pesquisa e de apresentação de pesquisas foram retiradas dos currículos dos cursos de graduação. Assim, muitos cursos de graduação, assumiram essas disciplinas com professores das suas respectivas áreas de conhecimento, sem formação em epistemologia, já que essa formação era específica do curso de filosofia, e ministrada pelos mesmos.

A partir dessa data, todos os profissionais formados na UFSC, não tiveram mais essa formação específica que estava orientada para produção de conhecimento de trabalhos de: conclusão de curso, especialização, mestrado e doutorado. Em sua maioria esse conteúdo se perdeu no meio de discussões teóricas e metodológicas vinculadas a Teoria do Conhecimento, e não necessariamente, a atividade de produção de conhecimento como requisito curricular, dos referidos processos de formação.

No ano de 2004 através de bolsa de pesquisa do CNPq realizamos um projeto de pesquisa, que constatou que inexistia processo “padrão de produção de conhecimento na UFSC”, nos cursos de graduação e de pós-graduação.

Diante desse contexto, os alunos envolvidos no processo de produção de conhecimento assumem essa atividade como exigência administrativa, e não como a viabilização do seu projeto e desejo de ser, já que inexistem mediações objetivas, que deveriam existir para tornar tanto seu projeto, quanto seu desejo de ser viabilizado. Nos últimos 15 anos se tem acompanhado essa questão e se constatou que o processo de produção de conhecimento se tornou um problema de natureza psiconeuroimunológica. Ao não tornar possível que tanto o projeto, quanto o “desejo de ser” relativo a esse processo seja viabilizado, através das relações com a instituição de ensino e o orientador, o aluno acaba desenvolvendo algumas psicopatologias e desdobramentos neurológicos e imunológicos.

O processo de produção de conhecimento ao assumir um caráter epidemiológico, não torna possível a viabilização do projeto e do desejo de ser, da estrutura da personalidade formada nesse contexto. Por sua vez, o cogito absolutizante que inviabiliza o processo de relação com o processo de produção de conhecimento, leva-o para o campo das emoções, promovendo a associação de aminoácidos em neuropeptídeos, que após descarregados na corrente sanguínea, promovem a alteração da estrutura celular e do equilíbrio imunológico.



É nessa perspectiva que vimos desenvolvendo nos últimos anos, uma “Psicoterapia em Processos de Produção de Conhecimento”, para viabilização de projetos e desejos, evitando danos de natureza psiconeuroimunológica.

Palavras-chave: Psiconeuroimunologia, Produção de Conhecimento, Teoria da Personalidade e Teoria das Emoções.

PEQUENOS COMENTÁRIOS SOBRE A NÁUSEA DE SARTRE

William Lopes de Souza

williamphilos@gmail.com

O romance inovador de Sartre deve ainda continuar na memória dos afortunados que puderam lê-lo por algum tempo, mesmo depois que alguns dos efeitos discutidos no início do romance assumiram o controle dos seus leitores. Antonie Roquentin é mais que apenas uma vítima de uma reforma fenomenológica alarmante, no entanto. Ele é um personagem principal vivendo duas vidas diferentes. Por quase todas as primeiras duzentas páginas somos levados a acreditar que ele é incapaz de ter sentimentos por outros, tem uma memória quase não existente e mal consegue por seus pensamentos em palavras. Se a Náusea é responsável por essas deficiências interpessoais é uma matéria para muita discussão. Todavia, o protagonista está no processo de, talvez, pior colapso intersubjetivo visto de um personagem principal. Então, uma amante do passado aparece em sua vida e ocasiona uma repentina transformação em Roquentin. Ele sai da condição de deficiente comunicativo para reconquistar seus interesses emocionais e poderes de articulação. Esta comunicação tem como proposta fazer algo peculiar: examinar em profundidade uma porção isolada do romance em relação ao resto, e talvez revelar aspectos do personagem principal que, caso contrário, poderiam não ser reconhecidos.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre; A Náusea; Fenomenologia

ANGÚSTIA, LIBERDADE E SENTIDO: UM DIÁLOGO ENTRE SARTRE E VIKTOR FRANKL

Pedro Vanni

pedrinho_vanni@hotmail.com

A angústia existencial é um conceito muito destacado na filosofia existencialista, a qual entende essa angústia não apenas como algo sofrível, mas também como um modo de possibilitar a abertura do ser para o mundo, através liberdade e da autonomia. Na compreensão de Sartre, a angústia provém da liberdade de escolha e, conseqüentemente, da responsabilidade que é trazida ao sujeito, em decorrência desta liberdade. Ao longo da vida, o sujeito escolhe ser, e o fato de ele se responsabilizar por si próprio, é angustiante, porém, necessário no desenvolvimento de sua autonomia. Tratando-se da psicologia, o psicoterapeuta existencial, Viktor Frankl, na obra *Em Busca de Sentido*, que publicou em 1946, abordou temas semelhantes às noções sartrianas de liberdade, responsabilidade e angústia. Após ter passado por várias situações catastróficas, em que esteve à beira da morte, reclusado em Auschwitz, Viktor Frankl passou a enxergar a existência de outro modo. Ele passou a entender a importância do sentido na vida de uma pessoa, e o quanto que, por meio dele, nós, enquanto sujeitos, tornamo-nos capazes de lidar com diversas situações. Frankl então, cria a Logoterapia, baseando-se na ideia de sentido, e buscando desenvolver a autonomia do sujeito no decorrer do trabalho terapêutico. Por meio do sentido, Frankl mostrou que o sujeito é livre e autodeterminante, sendo capaz de ressignificar as diversas situações que ocorrem na vida dele. O que vem ao encontro com a ideia de liberdade de escolha, proposta por Sartre, pois entende-se que sentido ao qual o sujeito atribui à sua vida, vem a ser o modo como ele escolhe ser no mundo. Neste trabalho, foi elaborada uma revisão teórica estabelecendo alguns recortes dos conceitos sartrianos de angústia, liberdade e responsabilidade, dialogando com a noção de sentido, proposta por Viktor Frankl. Buscou-se um diálogo entre Sartre e Frankl, a fim de compreender o sentido como um meio com o qual sujeito exerce liberdade e autonomia, mesmo diante de situações de angústia e sofrimento. Notou-se, no decorrer das leituras, que Frankl foi ao encontro com o existencialismo quando alegou, baseando-se em sua experiência em Auschwitz, que a angústia não produz apenas sofrimento, mas também, serve de caminho para que possamos atingir mais liberdade e autonomia diante da vida.

Palavras-chave: existencialismo, angústia, liberdade, sentido.